

LYNN PAINTER

# SR. FOI

«Inteligente,  
sexy e divertida,  
esta comédia romântica é  
absolutamente perfeita.»

Christina Lauren

# ENGANO

*MR. WRONG NUMBER*

Um número errado pode abrir  
a porta ao homem certo

CLUBE DO AUTOR  
EDITORA



# 1

## Olivia

Tudo começou na noite a seguir a ter incendiado o meu edifício.

Estava sentada em cima da ilha chique de granito na cozinha do meu irmão, a engolir um saco dos seus *pretzels* enquanto emborcava sem parar as garrafas de Stella que estavam no frigorífico. E não, não tinha problemas com a bebida. O problema era *com a vida*, do tipo: a minha vida não prestava e precisava de cair numa espécie de coma para ter alguma hipótese de formular um plano para o futuro quando acordasse.

O Jack concordara (depois de muito implorar) em deixar-me ficar com ele durante um mês — tempo suficiente para arranjar um emprego e encontrar a minha própria casa — desde que me comportasse da melhor forma e ficasse fora do caminho do seu companheiro de casa. *Na minha opinião, parecia um pouco velho de mais para ter um companheiro de casa, mas quem sou eu para julgar?*

O meu irmão deu-me um abraço e uma chave e trocou-me pela noite das asas de frango a cinquenta cêntimos no Billy's Bar, por isso, estava sozinha em casa e a berrar ao som da Adele que tocava na Alexa. A música era uma completa lamechice, mas quando ela

começou a cantar sobre um incêndio que começava no seu coração, fez-me lembrar do incêndio que começou na minha varanda e passei-me completamente.

Chorava compulsivamente quando o meu telemóvel vibrou e parou com o drama. Um número desconhecido enviara-me uma mensagem:

Diz-me exatamente o que tens vestido.

Um perverso enganou-se no número? Limpei o nariz e escrevi: O vestido de noiva da tua mãe e a sua tanga favorita.

Não passaram mais de cinco segundos antes de o Sr. Foi Engano responder: Hum, o quê?

Escrevi: A sério, querido, pensei que ias achar sensual.

**Sr. Foi Engano:** Querido? Wtf?

Aquilo fez-me dar uma pequena risada, a ideia de um tipo a levar um banho de água fria por mensagem. Era superestranho que *querido* fosse aquilo que lhe fez confusão, em vez da monstruosa sugestão de *lingerie* edipiana, mas ele também tinha usado a velha deixa de *o que é que tens vestido*, por isso o que se poderia realmente dizer sobre um tipo como aquele?

Enviei outra mensagem: Preferes algo menos maternal?

**Sr. Foi Engano:** Oh, não. Isso parece ser completamente sensual. Não te importas que use bermudas com bolsos, sandálias com meias e a coquilha do teu pai?

Aquilo fez-me sorrir no meio do meu colapso total de vida e do consequente ataque de choro.

**Eu:** Estou tão excitada neste momento. Por favor, diz-me que vais sussurrar as velhas piadas do meu pai ao ouvido, enquanto estamos a pinar.

**Sr. Foi Engano:** Sim, e acrescento anedotas sobre bebés e meteorologia. E *pinar* é a palavra mais *sexy* que existe, btw.

**Eu:** Concorde.

**Sr. Foi Engano:** Mande a mensagem para o número errado, não foi?

**Eu:** Sim, mandaste.

Dei um soluço — a cerveja estava finalmente a fazer efeito — e decidi dar um desconto ao tipo. Enviei a mensagem: *Mas vai-te a ela, amigo. Consegue esse pinanço.* 😊

**Sr. Foi Engano:** Esta é a troca de mensagens mais estranha que alguma vez tive.

**Eu:** Eu também. Boa sorte e boa noite.

**Sr. Foi Engano:** Obrigado pelo apoio e boa noite para ti também.

Quando a Stella começou a deixar-me sonolenta, decidi tomar banho — *adeusinho, cabelo a cheirar a fumo* — e ir para a cama. Esgravei a mochila à procura de roupa, mas depois lembrei-me — *dah* — o incêndio. Tudo o que tinha eram as roupas que estavam no fundo do meu cacifo no ginásio e algumas peças que tinham caído no chão do banco de trás do carro depois de dias de lavandaria. Encontrei a parte de cima do pijama do Monstro das Bolachas, mas não tinha uma única parte de baixo: nem calças de pijama, nem calças de ganga, nem calções — a única coisa que encontrei foram os calções de ginástica malcheirosos que atualmente me cobriam o rabo.

Será que já tinha batido no fundo por não ter umas calças?

Felizmente, tinha roupa interior limpa. Um par de *boxers* de rapaz, amarelo-néon, que diziam *Comam os Ricos* atrás, e era a sua presença que me mantinha em equilíbrio na varanda que pairava mesmo por cima da cidade.

Tomei um duche de trinta minutos, embriagadamente encantada com um jato de chuva e com o amaciador caro do colega de casa do Jack. Deixei cair acidentalmente o frasco de plástico escorregadio, o que fez com que a tampa do doseador se partisse e entornasse a maior parte do creme luxuoso por todo o chão escorregadio do chuveiro. Ajoelhei-me e recolhi o máximo que pude para dentro do frasco, colocando-o cuidadosamente na prateleira e esperando que ninguém reparasse.

*Spoiler:* Eles reparam sempre.

Duas horas mais tarde, no entanto, ainda estava bem acordada, deitada no chão do escritório do meu irmão, no seu velho colchão insufável guinchante, a olhar para o teto com os olhos inchados e a repetir sem parar todas as coisas terríveis que tinham acontecido antes de ter fugido de Chicago.

O despedimento. A traição. A separação. O incêndio.

E então disse: «Que se lixe isto tudo.»

Levantei-me, entrei naquela cozinha brilhante, rasguei o selo de uma garrafa de *tequila* que tinha um sol sorridente com um bigode e fiz para mim mesma o maior ponche de boa noite do mundo.

Podia acordar com uma dor de cabeça, mas pelo menos dormiria um pouco.

— Livvie, é a mãe. Pensei que viesses cá hoje.

Abri os olhos — bem, apenas um deles se abria — e olhei para o telemóvel através do qual a minha mãe gritava comigo. Oito e meia? Ela esperava que aparecesse lá em casa ao amanhecer? Deus, a mulher era uma espécie de sádica, assassina em série, torturadora de cães ou assim.

Porque é que eu tinha atendido novamente o telemóvel?

— Eu ia. Quero dizer, vou. O despertador estava quase a tocar.

— Bem, pensei que hoje ias à procura de emprego.

A Adele começou de novo a gritar pelo apartamento — *mas que raio* — e eu gritei:

— Alexa, desliga a música.

A minha mãe perguntou:

— Com quem é que estás a falar?

— Com ninguém. — A música continuava a berrar. — Alexa, desliga a Adele!

— Tens amigos em casa?

— Oh, meu Deus! Não. — O meu segundo olho finalmente abriu-se e sentei-me, toda a minha testa se contraiu numa enorme dor quando a música parou abruptamente. — Estava a falar com a aparelhagem do Jack.

Ela emitiu um dos seus suspiros de «porque é que a minha filha é tão doida».

— Então, não estás à procura de emprego?

*Alguém me mate, por favor.*

— Estou. Na Internet podemos começar ao meio-dia. Juro, mãe — expliquei, com a boca enresinada.

— Não faço ideia do que estás a dizer. Vens ou não?

Respirei fundo pelo nariz e lembrei-me dos meus problemas de guarda-roupa. Até conseguir lavar os calções, estava lixada. Portanto, disse:

— Não. Só mais tarde. O trabalho é a minha prioridade número um, por isso passo por aí depois de ter feito algumas candidaturas.

E também depois de ter encontrado um par de calças.

— O teu irmão está aí?

— Não faço a menor ideia.

— Como podes não saber se ele está aí?

— Porque ainda estou na cama e a porta está fechada.

— Porque é que dormirias com a porta fechada? Esse quarto de hóspedes vai ficar muito abafado se não abrires a porta.

— Meu Deus! — Suspirei e esfreguei as têmporas. — Vou levantar-me da cama daqui a um minuto e se vir o teu filho do outro género digo-lhe para te telefonar. *Okay?*

— Oh, não preciso que me telefone. Só queria saber se ele estava aí.

— Tenho de ir.

— Já depositaste aquele dinheiro?

Apertei os lábios e fechei os olhos. Só a minha mãe! A única coisa pior, aos vinte e cinco anos de idade, do que ter de se pedir dinheiro aos pais porque se chegou à cidade já nos fuminhos e, literalmente, sem um cêntimo para contar história, era ter uma mãe que queria falar sobre isso.

— Sim, fi-lo *online* ontem à noite — respondi.

*Como se tivesse outra escolha senão depositar essa mortificante contribuição parental o mais rápido que me fosse humanamente possível.* Porque depois de o fumo ter desaparecido (literalmente) e de se ter tornado evidente que o meu edifício já não estava de pé, tive de gastar o pouco dinheiro que tinha em produtos de sobrevivência, como uma mudança de óleo, pneus novos e muita gasolina para me levar para casa em Omaha.

Graças a Deus, ainda havia um último pagamento a chegar na próxima semana.

— Fizeste-o no computador? — perguntou a minha mãe.

Eu rangi os dentes.

— Sim.

— O marido da Evie disse que *nunca* se deve fazer isso. Mais vale dares o teu dinheiro aos *hackers*.

A minha cabeça estava a latejar.

— Quem é a Evie?

— A minha parceira de *bridge*, aquela que vive em Gretna. Tu alguma vez ouves o que digo?

— Mãe — disse, contemplando usar o velho truque do telemóvel *estou-te a perder, estou num túnel*. — Não decoro os nomes das tuas parceiras de *bridge*.

— Bem, só tenho uma, querida, não é assim tão difícil. — Ela parecia estar profundamente ofendida. — Não deves usar o banco no computador, basta ires ao balcão pessoalmente.

Suspirei.

— Devia ter *voltado* para Chicago para o depositar pessoalmente, Ma?

— Não há necessidade de seres agressiva. Só estou a tentar ajudar.

Voltei a suspirar e levantei-me com dificuldade do colchão insuflável demasiado baixo, que se afundava cada vez que me virava à noite.

— Eu sei e peço desculpa. Têm sido uns dias difíceis.

— Eu sei, querida. Passa por cá mais tarde, está bem?

— Está bem. — Aproximei-me da porta e abri-a completamente.

— Amo-te muito. Adeus.

Atirei o telemóvel para cima da secretária e pestanejei enquanto a luz natural da sala de estar me assaltava os globos oculares. Bolas, que ressaca! Tinha aquela falta de equilíbrio, aquela que diz ao teu corpo que ainda estás demasiado embriagada para conduzir, e fui aos tropeções em direção à Keurig, desesperada por café.

— Bom dia, alegria.

Congelei ao ouvir aquela voz e senti imediatamente que ia vomitar.

Porque o Colin Beck, o melhor amigo do Jack, estava a observar-me a caminhar em direção à cozinha. Como se o universo ainda não me tivesse enchido de pancada, lá estava ele, ao lado da elegante mesa de cozinha, de braços cruzados, a testemunhar a minha caminhada da vergonha com uma sobranceira levantada e um ar de divertimento. Exibia o seu sorriso de «sou melhor do que tu», e estava com bom aspeto, enquanto eu atravessava o apartamento em cuecas e uma *t-shirt* demasiado pequena como uma espécie de Winnie the Pooh inepta.

Pestanejei. Será que ele tinha ficado *mais* atraente?

Que cretino!

A última vez que o vira fora no meu primeiro ano de faculdade, quando fui expulsa do dormitório e tive de passar o último mês do semestre a viver em casa dos meus pais. O Jack trouxera-o para comer esparguete num domingo, e o Colin tinha achado a minha história do salvamento de um cão vadio, que se transformou num ataque a vários inquilinos, que se transformou num subsequente ligar de aspersores



de incêndio, que se transformou numa expulsão depois de uma imensa inundação do dormitório, a coisa mais divertida que já tinha ouvido.

Hoje, parecia que tinha acabado de regressar de uma corrida. A sua *t-shirt* húmida abraçava *tudo o que* tinha superdefinido, e uma espécie de tatuagem serpenteava pelo seu braço direito.

Quem é que ele pensava que era, o The Rock?

O Colin tinha uma daquelas caras de estrela de cinema, com a estrutura óssea perfeita e um maxilar de estrondo, mas os seus olhos azuis tinham uma faísca maliciosa que desequilibrava a beleza. Olhos de rufia. Aos catorze anos, tinha-me apaixonado por um breve momento por aquele rosto, mas, aos quinze, depois de ouvir uma conversa em que ele se referia a mim como a «pequena esquisitoide», passei da paixão para a aversão e nunca mais olhei para trás.

— O que estás a fazer aqui? — Contornei-o, fui até onde a máquina de café estava, na bancada limpa, e carreguei no botão para a ligar. O ar fresco lembrou-me de que o meu traseiro estava completamente exposto, com as minhas cuecas estampadas idiotas, mas raios me partam se o ia deixar pensar que ele tinha a capacidade de me perturbar. Forcei-me a não puxar para baixo a parte de cima do pijama do Monstro da Bolachas enquanto procurava café nos armários, dizendo a mim mesma que era apenas um rabo.

— Pensei que te tinhas mudado para o Kansas ou para Montana — disse-lhe.

Ele aclarou a voz.

— No armário ao lado do frigorífico.

Olhei de relance para ele.

— O quê?

— O café.

Ele era *tão* sabe-tudo. Parecia um mafioso da Costa Leste, pela forma como sabia tudo e estava sempre certo. Por isso menti.

— Bem, não estava à procura de café.

Ele ergueu uma sobrancelha e encostou-se à mesa de cozinha.

— Não estavas?

— Não. — Mordi no meu lábio inferior. — Na verdade, estava à procura de chá.

— Oh! Claro que sim. — Olhou para mim de uma maneira que dava a entender que, de alguma forma, sabia que eu odiava chá. — Bem, está no mesmo armário. Ao lado do frigorífico.

Santo Deus, como é que isto está a acontecer? Estou mesmo a falar com o Colin Beck em roupa interior?

— Obrigada. — Combati o desejo de revirar os olhos enquanto caminhava até àquele armário, querendo tanto café que tinha vontade de chorar. Havia ali um tipo de chá, Earl Grey, e que o ia odiar, mas, ainda assim, peguei numa K-Cup e levei-a de volta para a máquina.

— Onde está o Jack?

— Hum — senti os olhos dele em mim —, está a trabalhar.

— Oh! — *Então, porque é que tu estás aqui?*

— Ele disse-me que vais ficar durante um mês. — Encostou os antebraços bronzeados ao balcão, como raio é que alguém tem *antebraços* sensuais, por amor de Deus, e começou a mexer no seu relógio de corrida. — Certo?

— Sim. — Peguei numa caneca do balcão, enchi-a com água da torneira e removi a tampa do reservatório quase vazio da máquina. — A propósito, será que o meu irmão sabe que estás aqui?

— O quê? — perguntou, levantando os olhos do pulso.

Inclinei-me para mais perto da máquina de café e comecei a verter a água.

— Ele está à tua espera?

Ele fez um som com a garganta, que foi uma mistura entre tosse e uma gargalhada, antes de dizer:

— Fogo, não sabes que sou o companheiro de casa dele, pois não?

Oh, Deus! Ele não podia estar a falar a sério, certo? Analisei-lhe o rosto, desesperada por um sinal que indicasse que ele estar a gozar comigo, mesmo sabendo que não estava. Mas, antes de poder continuar a ler a expressão dele, Colin acenou com as mãos na minha direção e ladrou:

— A água, cuidado com a água, Liv.

— Merda. — Tinha falhado o reservatório e entornei água pela bancada toda. Peguei numa toalha e tentei limpá-la, mas a toalha não era nem um pouco absorvente e serviu apenas para empurrar a água da bancada para o chão.

Tudo isso enquanto aquele idiota arrogante observava com um sorriso divertido na cara.

— Não tens nada melhor para fazer do que me ver a limpar a porcaria que fiz?

Encolheu os ombros e inclinou-se na bancada como se não tivesse uma única preocupação na vida.

— Nem por isso. A propósito, gosto do que fizeste ao teu cabelo.

— Ai, é? Gostas? — Lancei-lhe um sorriso de gozo que mais parecia um rosnar selvagem. — Chamo a isto o meu estilo-de-penteado-vou-viver-com-o-Colin. Parece-se e sente-se como um incêndio num contentor de lixo.

— Por falar em incêndios, estou curioso, Marshall. Como raios é que conseguiste incendiar um edifício inteiro? — inclinou a cabeça e continuou. — Quero dizer, sempre foste um bocado desastrada, mas queimar cartas de amor numa varanda de madeira, como uma espécie de pirômana, é um nível acima, mesmo para ti.

Tentei engolir, mas a minha garganta estava arranhada.

Não por aquele cretino pensar que eu era uma idiota; ele sempre pensou isso. As minhas desventuras eram um prazer culposos para o Colin, como um *reality show* sobre acidentes ferroviários que não se quer admitir que se assiste, mas que se vê compulsivamente quando está a dar na televisão.

Eu era o seu *Sister Wives*.

Mas o facto de ele saber os detalhes de um incidente que tinha acontecido anteontem, numa cidade a oito horas de distância, significava que o Jack lhe tinha contado. E o meu irmão, obviamente, tinha-lhe dito mais do que apenas um vago desabafo do tipo a-minha-irmã-ficou-desalojada-num-incêndio, uma vez que ele mencionou as cartas de amor.

Ou seja, partilhara os pormenores escabrosos.

O namorado traidor, a cerimónia com vinho e incineração de cartas na varanda, o incêndio catastrófico... tudo. Tive vontade de vomitar com a ideia dos dois a rirem-se à gargalhada, enquanto o Jack o regalava com a história da minha última tragédia.

A expressão *não foi culpa minha* pairou na ponta da língua, querendo ser libertada. Queria gritar essa declaração a todas as pessoas que estavam a ler a história no jornal, a clicar no *link*, ou a ver o repórter sorrir e a enunciar em tom de gozo as palavras *cartas de amor*.

Porque a culpa não foi minha.

Sim, eu queimara os poemas do Eli. Tinha bebido vinho e estava perigosamente perto de ficar embriagada enquanto fumava sem parar na varanda e queimava as cartas daquele sacana traidor, mas queimei-as num balde de metal. Tinha uma enorme taça de água ao lado do balde, só por precaução. Não fui idiota, estava totalmente preparada para o meu exorcismo do Traidor Elijah.

Mas não me preparara para o gambá.

Estava a olhar calmamente para a minha pequena fogueira, contemplando o facto de que estar sozinha poderia não ser assim tão terrível, quando aquele pequenote feio correu pela caleira e saltou para a minha varanda. O meu pulo alertou-o para a minha presença, assustando-o. O susto foi suficiente para ele começar a correr e bater na mesa que tinha o balde em cima, fazendo-o cair na varanda.

Varanda essa que estava coberta por um belo tapete de palha.

— Ouve — disse, tentando parecer inabalável —, adorava ficar aqui e discutir a confusão que pensas que sou, mas tenho coisas para fazer. Podes, por favor, virar-te?

— Porquê?

Suspirei e quis poder desaparecer.

— Porque quanto mais desperta fico, menos feliz estou por estar a falar contigo sem calças.

Os cantos dos olhos dele enrugaram-se.

— Nunca pensei que fosses envergonhada.

— Eu não sou envergonhada. — Se fosse qualquer outra pessoa no mundo admitiria, com gargalhadas, que me envergonhava facilmente e o tempo todo, e que era isso que, normalmente, era responsável pelos meus tropeções, derrames e embaraço geral. Mas como era o Colin, limitei-me a dizer:

— Só não tenho a certeza de que sejas digno olhar para este rabo.

Passei por ele e saí da cozinha com a cabeça erguida, apesar de o meu rosto arder e de rezar para que o meu rabo ficasse bem com aquelas cuecas ridículas. Só depois de bater com a porta do meu quarto improvisado me permiti gritar num sussurro quase todas as obscenidades que conhecia.

**Sr. Foi Engano:** Mandeí a mensagem para o número errado, não foi?

**Miss Enganei-me no Número:** Sim, mandaste.

**As coisas podem complicar-se quando uma mensagem picante enviada para o número errado se transforma num relacionamento anónimo altamente viciante.**

**Divertido, comovente e repleto de esperança**

## **O AMOR PODE ESTAR MAIS PRÓXIMO DO QUE SE JULGA**



**«O livro mais engraçado, entusiasmante e sensual que li em muito, muito tempo. (...) É impossível alguém não se apaixonar pelo casal Olivia-Colin e, sobretudo, pela escrita de Lynn Painter.»**

**Ali Hazelwood, autora de *A hipótese do amor***

**«Este livro é uma explosão absoluta, uma configuração clássica de comédia romântica com um toque moderno. A escrita inteligente e encantadora de Lynn Painter brilha em cada página.»**

**Rachel Lynn Solomon, autora de *Fala com o Ex***

**«A química entre Olivia e Colin é escaldante e vai encantar os leitores.»**

***Publishers Weekly***

**«O destino de Olivia vai mantê-lo a virar páginas ininterruptamente.»**

***USA Today***

ISBN-13: 978-989-724-685-2



9 789897 246852